



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL
AOS CO-IRMÃOS DA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

O ESTUDO **para a missão**

Caríssimos irmãos.

Depois de ter proposto, na carta anual do ano passado, o tema da santidade¹ como estilo de vida, agora vos convido a aprofundar, neste ano de 2017, a dimensão do estudo, outro aspecto imprescindível da nossa vida de apóstolos-comunicadores. Essas duas “rodas” do “carro paulino”, de acordo com a herança carismática que recebemos como dom de nosso Fundador, o bem-aventurado padre Tiago Alberione, constituem, com o apostolado e a pobreza², os fundamentos da nossa vida e missão de anunciar o Evangelho na cultura da comunicação.

Esta carta não tem a pretensão de apresentar novidades. O seu objetivo, retomando o pensamento de nosso Fundador sobre o estudo, é buscar uma visão de como vivemos hoje essa dimensão específica, neste período histórico caracterizado por uma “mudança epocal”, que envolve todos os setores da vida humana, de maneira particular o setor cultural³. E isso, precisamente a partir de um contexto onde os homens e as mulheres são eles mesmos “criadores” e atores de uma cultura fortemente marcada pela comunicação global, produzida de modo totalmente peculiar nas redes digitais, de onde “emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, modos de pensar, de sentir, de perceber e estabelecer relações”⁴.

Até que ponto percebemos as mudanças, através das quais vai passando a humanidade inteira, inclusive as instituições? Será que nos sentimos realmente preparados para viver e

¹ “Santidade” é o termo que padre Alberione utiliza para denominar a primeira roda do “carro paulino”, em seu livro *Abundantes Divitiae Gratiae Suae*, obra considerada seu testamento. Mas, como já sabemos, ele usou, para designar esta roda, também outros termos, como “piedade”, “espírito” etc. A denominação “santidade”, “ainda que possa parecer exagero, é muito apropriada, porque a santidade de uma pessoa é proporcionada à sua adesão a Deus, adesão que encontra o seu meio principal na vida interior” (Juan Manuel Galaviz Herrera, *O “carro” Paulino*, Roma, Sociedade de São Paulo, 1993, p. 108). O elemento mais importante que podemos entrever nessa realidade, na variedade e riqueza de seus significados, é que ela precisa ser vivida de maneira integral, incluindo as outras dimensões da vida paulina: o estudo, o apostolado e a pobreza.

² “O homem todo em Jesus Cristo, por amor total a Deus: inteligência, vontade, coração, forças físicas. Todo: natureza, graça, vocação para o apostolado. Carro que corre apoiado nas quatro rodas: santidade, estudo, apostolado, pobreza”. Cf. Tiago Alberione, *Abundantes Divitiae Gratiae Suae*, n. 100.

³ Papa Francesco, *Evangelii Gaudium*, n. 52.

⁴ Conferência Geral do Episcopado latino-americano, *Documento de Aparecida*, n. 51.

anunciar o Evangelho e os valores cristãos no ambiente cultural de hoje? Será que conhecemos a realidade atual da comunicação? O que devemos fazer como apóstolos-comunicadores no âmbito do estudo, para respondermos aos desafios da nossa missão? Tais são alguns questionamentos que partilho convosco, procurando, com essa reflexão, alguma resposta concreta.

Diante desse tema complexo, procuraremos salientar alguns aspectos que, entre muitíssimos outros, possam ajudar-nos a olhar esta importante dimensão de nossa vida, que tem relação direta com o nosso “ser” e o nosso “fazer” como Paulinos. Com esse objetivo, apresentamos inicialmente a finalidade do estudo na tradição paulina, para depois buscar aprofundar o papel da mente nessa atividade, especialmente quando situada na cultura hodierna marcada por tantíssimos estímulos. Depois, procuramos aprofundar o estudo entendido como “estudiosidade”, com breve referência à experiência do nosso Fundador. A seguir, destacamos o “empenho” e a “atualização” como aspectos derivados do estudo, imprescindíveis para o impulso do nosso apostolado. No final, fazemos alusão à escola de Jesus Mestre que, na verdade, é a primeira escola que somos chamados a abraçar, sem a qual perdemos o sentido do “estudo para a missão”.

I. A finalidade do estudo

No que diz respeito ao estudo, sabemos que padre Alberione não escreveu um tratado orgânico. O que ele deixou são pensamentos expressos em algumas ocasiões às diversas instituições da Família Paulina, pensamentos em que dava importância ao estudo, seja de maneira genérica, seja ao mencionar algumas ciências em particular, fazendo, por exemplo, referência expressa à teologia, à Bíblia, à liturgia, à filosofia, à história, à sociologia e a outras áreas do conhecimento humano.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que o estudo, na visão de nosso Fundador, não se restringe ao mero conhecimento intelectual fechado em si mesmo, mas tem sempre finalidade prática. Para ele, “o estudo é para a vida; a vida é para a eternidade; tudo é para Deus”⁵; “o que não serve para a vida é bagagem inútil, mas o que serve é preciso que seja abundante (...) que se “viva” o que se aprende na escola”⁶.

Escola e vida, portanto, devem caminhar juntas, porque tudo deve sempre ordenar-se para o que se deve fazer na vida. E o que é que se deve fazer? Obviamente, quando padre Alberione fala do “fazer”, se refere particularmente ao apostolado. De fato, “toda a formação deve organizar-se e encaminhar-se de modo especial para os estudos voltados para o apostolado próprio da Família Paulina”⁷; “o estudo para o Paulino tem como fim imediato o apostolado”⁸; “o saber se completa somente quando ao estudo se une a experiência: livro e prática bem unidos formam o Paulino humilde e eficaz no seu apostolado”⁹.

⁵ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo* (aos cuidados de Rosario Esposito), Roma, Edizioni Paoline, 1971, p. 28.

⁶ Tiago Alberione, *I nostri studi*, p. 43.

⁷ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, Cinisello Balsamo, Edizioni San Paolo, 1998, p. 193.

⁸ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, op. cit., p. 172.

⁹ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo*, op. cit., p. 168.

Portanto, é necessário o estudo como preparação, a fim de levar à frente o apostolado no contexto cultural do tempo em que se vive. Considerando que “todo apostolado é uma irradiação de Jesus Cristo”¹⁰, podemos afirmar que a finalidade do estudo é precisamente “a glorificação de Jesus Cristo Mestre; Mestre enquanto é ao mesmo tempo Caminho, Verdade e Vida; no qual todo homem alcança a sua mais alta personalidade, e a humanidade encontra verdade, justiça, paz”¹¹.

Os pensamentos supracitados já dão a ideia de que, segundo padre Alberione, em nossa Congregação e na própria Família Paulina, não se estuda para alguma vantagem pessoal, mas para enfrentar de maneira sempre melhor os desafios do apostolado; o apostolado, em última palavra, é “fruto” do estudo¹². À luz dessas afirmações, podemos questionar-nos até que ponto damos importância adequada ao estudo, e se este realmente se orienta para a nossa missão específica.

2. Começar de si mesmos: a mente

O estudo é uma atividade que pertence ao âmbito da mente, sendo a mente a dimensão humana responsável pela criação dos pensamentos, e que abrange o raciocínio, a compreensão, a memória, a imaginação, as emoções... Todavia, para o Paulino desenvolver bem a sua missão é preciso que desenvolva a faculdade da mente sempre bem integrada com as demais capacidades. “Em outras palavras: a nossa identidade de Paulinos inclui por si o desenvolvimento harmônico da mente, da vontade e do coração; se assim não for, a nossa conformação com Cristo integral é inadequada e não operante”¹³.

Retomando o pensamento de nosso Fundador, vemos que o estudo depende do esforço para envolver também a vontade e o coração no desenvolvimento da mente, com o objetivo de compreender e interpretar a realidade e para adquirir sempre novos conhecimentos. Isso quer dizer que é necessário equilíbrio, ou seja, “é preciso que mente e coração se desenvolvam em harmonia, a fim de sustentar a vontade, como duas pernas que devem conduzir o corpo. O coração dará assim boa contribuição à mente, porque muitas coisas se revelam e se descobrem através do amor (...). Almas que amaram santamente, quanto aprenderam!”¹⁴.

Padre Alberione estava consciente de que a mente, em particular, interfere com força na vida pessoal, graças à sua capacidade, usando as suas palavras, “absorvedora”, “dirigente” e “emissora”¹⁵, de tal modo que se pode afirmar que “o homem é aquilo que ele pensa”¹⁶. Os pensamentos são os amigos mais íntimos do homem¹⁷ e determinam as suas ações: “Da

¹⁰ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, IV, op. cit., p. 270.

¹¹ *San Paolo*, agosto-setembro 1959.

¹² Cf. Tiago Alberione, *Vademecum* (aos cuidados de Ângelo Colacrai), Cinisello Balsamo, Edizioni Paoline, 1992, n. 286.

¹³ Silvio Pignotti, “Integralidade”. *A paixão do Paulino*. Carta para o ano de 1993-1994, Roma, Casa Generalícia SSP, 20 de agosto de 1993, p. 18.

¹⁴ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo*, op. cit., p. 1192.

¹⁵ Cf. Tiago Alberione, *Santificazione della Mente* (uso manuscrito), 1956, p. 34.

¹⁶ Tiago Alberione, *Santificazione della Mente*, op. cit., p. 84.

¹⁷ Cf. Tiago Alberione, *Santificazione della Mente*, op. cit., p. 36.

mente provém tudo. Se alguém faz alguma boa obra, é porque a pensou e depois a quis e por fim a fez! Portanto, o primeiro ponto a ter sempre em vista é a mente”¹⁸.

Essas considerações, feitas há algumas décadas, evidentemente não tinham presente as ciências que, hoje, comprovam como a mente de fato intervém na realidade neurológica humana mais profunda e como tal realidade chega a produzir também efeitos fisiológicos¹⁹. As ideias que temos sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre tudo quanto nos circunda, influem com força sobre a eficácia da nossa ação quotidiana. Nessa perspectiva, afirma-se também que as nossas crenças podem modelar, influenciar e até mesmo determinar o grau da nossa inteligência, da nossa saúde, das nossas relações, da nossa criatividade, chegando a incidir sobre o nível de felicidade e de realização pessoal.

Isso nos faz observar com atenção o mundo em que vivemos, e mais precisamente a cultura dominada pela comunicação, que é o ambiente no qual nos vemos constantemente expostos a uma quantidade elevada de informações e conteúdos que nos chegam através do formato de papel até o digital, e que provocam diversos estímulos sensitivos que de alguma forma interferem em nosso pensamento.

Nesse universo tão complexo, é preciso então “disciplinar a inteligência”. Mas, o que isso significa? Padre Alberione diria que significa usar a mente na procura da verdade, para alcançar as virtudes, para a santificação. Isso nos faz ver como que, para ele, é estreito o vínculo entre o espírito, o apostolado, o estudo e a formação humana, de tal forma que, agindo na mesma pessoa, adquirem eficácia sempre maior e se completam mutuamente²⁰. De fato, “meditação profunda, piedade profunda, estudos intensos, tudo isso se requer em vista de uma boa preparação para o apostolado: caso contrário, quem é vazio, o que poderá dizer?”²¹.

Portanto, considerando que todo bem e todo mal têm sua primeira raiz e expressão na mente²², o primeiro e insubstituível sustento da mente do apóstolo-comunicador só pode ser o Evangelho: “Evangelho a ler, meditar, rezar, e traduzir para a prática diária: “O Evangelho deve ser a primeira leitura, o primeiro conhecimento para todos; por isso, nenhuma leitura espiritual tem importância maior (DF 49)”²³.

O papa Francisco, desde o início do seu Pontificado, não se cansa de exortar a Igreja a retornar ao Evangelho, lembrando-nos que toda vez que procuramos voltar às suas fontes e recuperar o seu frescor original, “surgem novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais bem mais eloquentes, palavras carregadas de renovada significação para o mundo atual”²⁴. Na perspectiva da nossa reflexão, não podemos esquecer que retornar ao

¹⁸ Tiago Alberione, *Alle Pie Discepoli del Divin Maestro*, VIII, Roma, Edizioni Paoline, Casa Generalícia das Pias Discípulas do Divino Mestre, 1986, p. 365.

¹⁹ Refiro-me, em particular, à “programação neurolinguística”, a ciência que se ocupa da influência que a linguagem tem sobre a nossa programação mental e sobre as várias funções do nosso sistema nervoso.

²⁰ Cf. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, op. cit., p. 193.

²¹ Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 967.

²² Cf. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, op. cit., p. 171.

²³ Guido Gandolfo, “Gesù, il Maestro” nella spiritualità secondo don Alberione, in *Gesù, il Maestro. Ieri, oggi e sempre. Atti del Seminario internazionale*, Ariccia 14-24 de outubro de 1996, Casa Generalícia da Sociedade de São Paulo, p. 391.

²⁴ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 11.

Evangelho e transformá-lo em prática de vida depende, antes de tudo, de cada pessoa, em sua abertura para o acolher com a mente, o coração e a vontade.

3. A estudiosidade: um caminho a percorrer

Para padre Alberione, o estudo não se limita à formação acadêmica, ainda que esta seja um objetivo louvável, mas há de ser compreendido como “estudiosidade”, expressão já presente na tradição da Igreja. Realmente, *studiositas*, termo muito caro ao nosso Fundador, é palavra latina que santo Agostinho opõe a *curiositas*, que é “uma espécie de enciclopedismo banal, um desejo incontrolado de saber coisas e que explode em todas as direções, e às vezes não colhe as questões fundamentais. A *studiositas*, no sentido agostiniano, ao invés, compreende método e paixão em busca da verdade”²⁵.

A paixão pela verdade, que supõe aprofundamento, é o senso de estudo que recebemos em herança da tradição paulina. Isso quer dizer que a “estudiosidade” não se reduz a uma leitura puramente informativa. “Precisamente o estudo, a ‘estudiosidade’ em geral, deve qualificar o Paulino. Este, na ideia do Fundador, deve sentir a necessidade de reservar, a cada dia, o espaço indispensável para a ‘estudiosidade’: leituras escolhidas, atualização, aprofundamento de um tema, especialização em algum setor do nosso horizonte apostólico...”²⁶.

O tema da “estudiosidade” nos convida a fazer alguma referência à cultura em que vivemos, que é o ambiente em que somos chamados a cultivá-la. Em tal sentido, é importante considerar que, além de sermos evangelizadores “com” e “na” comunicação, somos cidadãos do mundo, e por isso imersos numa cultura caracterizada de informações e conteúdos que nos chegam especialmente através dos meios técnicos tradicionais (imprensa, jornal, rádio, TV...) e das redes sociais. Convém, pois, que nos questionemos: Em relação ao tema do estudo, como é que cultivamos a “estudiosidade” em ambiente comunicacional tão admirável e com tantas possibilidades de contato, mas também, às vezes, tão rumoroso? De que maneira nos comportamos, e até que ponto colocamos os recursos da comunicação moderna a serviço da nossa formação integral?

A abundância de dados e informações a que estamos expostos diariamente, em ritmo veloz e às vezes impressionante, muitas vezes podem tornar-se obstáculo para a profundidade do pensamento. Dessa forma, são tantos os conteúdos por nós recebidos que, se não fizermos uma seleção daqueles que veem ao encontro de nossas reais necessidades, correremos o risco de trabalhar inutilmente. Em outras palavras, podemos entrar em contato com tantíssimos conteúdos, e não guardar quase nada na memória. Esta é uma advertência, especialmente para aqueles que se acham presentes na rede digital. Vale a pena, então, nos questionarmos se nesse fascinante universo da comunicação nos comportamos como “estudiosos” ou apenas quais meros “curiosos”, no sentido que expusemos acima.

Quanto à *studiositas*, ela exige, para sua eficácia, que se recupere um certo senso de lentidão e calma, ingredientes indispensáveis da mente, necessários para o aprofundamento. “Aprender, conhecer-se, ler, caminham lado a lado, exatamente a passo lento e cadenciado;

²⁵ Giovanni Tridente e Bruno Mastroianni, *La missione digitale. Comunicazione della Chiesa e social media*, Roma, Edizioni Santa Croce, 2016, p. 37.

²⁶ Guido Gandolfo, “Gesù, il Maestro”, op. cit., p. 390.

requerem tempo, gradualidade e paixão”²⁷ É preciso valorizar também o silêncio: “No silêncio ouvimos e conhecemos melhor a nós mesmos, nasce e se aprofunda o pensamento, compreendemos com maior clareza o que desejamos dizer ou aquilo que esperamos do outro, escolhemos como nos expressar”²⁸.

Na cultura em que vivemos e que apresenta numerosíssimas ocasiões de distração, viver o estudo, no significado profundo de *studiositas*, é verdadeiro e real desafio. No entanto, se conseguirmos, serão numerosas as vantagens que daí provêm. Neste sentido, é muito atual o que diz o nosso Fundador, em relação aos benefícios desse caminho: “Se fordes bem claros, se compreenderdes bem as coisas, se aprofundardes, se procurardes recordar, em suma, se estiverdes persuadidos quanto ao estudo, fareis mais coisas boas. Isso, de fato, quando se sabe. Uma lâmpada acesa de cem velas ilumina uma grande repartição; mas uma lâmpada de cinquenta ilumina apenas a metade; uma lâmpada de cinco velas só ilumina uma pessoa. Aqueles que têm pouca ciência iluminarão um apenas”²⁹. Oxalá todos nós possamos fazer que a *studiositas* seja parte integrante do nosso estilo de vida paulino!

4. A experiência de padre Alberione

Uma das primeiras constatações que encontramos em padre Alberione quanto à sua experiência, é que o estudo se refere a uma atividade muito ligada à sua vida concreta, seja quanto aos seus projetos pessoais, seja a respeito dos projetos das várias instituições por ele fundadas. Com o estudo, o Fundador procurava compreender o tempo em que vivia e abrir estradas novas rumo ao futuro.

Retomemos dois momentos de sua vida, nos quais narra em primeira pessoa a importância que ele mesmo atribuiu a esse aspecto. Um desses nos faz voltar ao tempo em que frequentava a escola primária e tinha revelado o desejo de ser sacerdote. Ele mesmo testemunha: “O estudo, a piedade, os pensamentos, o comportamento, até mesmo as recreações se orientaram em tal direção”³⁰. Como se nota, a opção pelo sacerdócio tornara-se a meta que incluía, para ser alcançado, também o estudo.

Há outra ocasião de sua vida em que o estudo aparece como fundamental. É o que se verifica quando ele recorda a famosa noite que separava os séculos XIX e XX: “A Eucaristia, o Evangelho, o Papa, o novo século, os meios novos, a doutrina do Conde Paganuzzi a respeito da Igreja, a necessidade de nova fileira de apóstolos, se fixaram de tal maneira em sua mente e coração, que a seguir lhe dominaram sempre os pensamentos, a oração, o trabalho interior, as aspirações. Sentiu-se obrigado a servir à Igreja, aos homens do novo século, e agir com outros, em organização. (...) Daí para frente, esses pensamentos inspiraram as leituras, o estudo, a oração, toda a formação. A ideia, antes muito confusa, se clareava, e com o passar dos anos tornou-se também concreta”³¹. Dessas breves citações se colhe muito bem que, para o nosso Fundador, o estudo não se reduzia a mera curiosidade.

²⁷ Giovanni Cucci, *Internet e cultura. Nuove opportunità e nuove insidie*, Milano, Ancora-La Civiltà Cattolica, 2016, p. 43.

²⁸ Papa Bento XVI, *Silêncio e Palavra: caminho de evangelização. Mensagem para a XLVI Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 20 de maio de 2012.

²⁹ Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 230.

³⁰ Tiago Alberione, *Abundantes Divitiae*, op. cit., n. 9.

³¹ *Ibidem*, nn. 20-21.

Era para ele uma realidade necessária para responder à chamada de Deus e às necessidades da Igreja e da humanidade do tempo em que vivia.

É interessante observar como padre Alberione sentia a necessidade de avançar além dos estudos previstos para sua formação sacerdotal, como a filosofia e a teologia. Ele mesmo narra o desejo de aprofundar as várias ciências por conta própria, como por exemplo a história, e de cultivar leituras a respeito de diversas questões relativas à Igreja: “Por cinco anos, leu duas vezes, cada dia um trecho, a História universal da Igreja de Rohrbacher; em outros cinco anos, a de Hergenröther; durante oito anos, em tempos livres, leitura da História universal de Cantú, estendendo-se à história da Literatura universal, da Arte, da Guerra, da Navegação, da Música em particular, do Direito, das Religiões, da Filosofia. (...) A leitura da *Civiltà Cattolica*, que continua de 1906 até hoje, também *L'Osservatore Romano*, *Atas da Santa Sé*, Encíclicas (a partir de Leão XIII), foram seu sustento contínuo”³².

Em relação à vida institucional, a importância do estudo já era inculcada por ele aos membros da Congregação desde o período fundacional, mesmo quando os jovens em formação, por causa das exigências apostólicas, não tinham tempo suficiente para estudar. Era uma fase da história congregacional em que “os jovens se empenhavam em fazer todo o possível no estudo, no trabalho, na oração e na prática da pobreza”³³. Recordamos: foi nesse contexto, que remonta ao ano de 1919³⁴, que nasceu o “Pacto” ou “Segredo de êxito”.

Exatamente a 5 de janeiro desse ano, padre Timóteo Giaccardo deixa uma anotação por mérito das orientações do Fundador a respeito do estudo, ou seja, a respeito da formação para o apostolado especificamente da imprensa: “Estudar meio tempo e aprender o dobro; isto é, estudar uma hora e aprender por quatro. Ele fez o pacto com o Senhor. Os jovens da Boa Imprensa não teriam recebido uma educação completa somente no estudo. Eles deviam também trabalhar, mas para serem apóstolos da Boa Imprensa deviam saber muito mais que os sacerdotes e advogados em geral”³⁵. Em síntese: em meio também às dificuldades, jamais se devia abandonar o estudo!

Nessa exortação se percebe como para padre Alberione era precioso o tempo, entendido como dom de Deus, e que não podia ser desperdiçado em coisas supérfluas, como ele mesmo insistiu em 1954: “Vejam ali aquele clérigo que lê por dez minutos, a cada dia, um livro de ascética, ou de sociologia, história, literatura etc., subtraindo o tempo de conversas inúteis ou de dissipações e leituras indiferentes, e assim adquiriu uma bagagem preciosíssima a mais do que os companheiros. O mesmo se diga do Discípulo que chegou a ter verdadeira competência em algum campo”³⁶.

O nosso Fundador estava consciente de que o estudo, quando vivido no sentido de *studiositas*, ajuda a abrir a mente para responder aos desafios da missão. A insistência de ter mente aberta e coração grande é forte em suas exortações, como este trecho o explicita: “Universalidade! Não ter cabeça mesquinha, pequena, e ver somente o próprio canto. Sentir

³² Ibidem, nn. 66-67.

³³ Giuseppe Barbero, *Il Sacerdote Giacomo Alberione. Un uomo - un'idea*, 2ª Ed., Roma, Società San Paolo, 1991, p. 296.

³⁴ Padre Alberione começou a explicar esta oração por seções e a fazer que fosse recitada desde 6 de janeiro de 1919. A fórmula, na sua primeira redação completa, começou a fazer parte do Livro de orações no ano de 1922. Cf. Giuseppe Barbero, *Il Sacerdote Giacomo Alberione*, op. cit., pp. 296ss.

³⁵ José Timóteo Giaccardo, *Diario*, Cinisello Balsamo, Edizioni San Paolo, 2004, p. 201.

³⁶ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo*, op. cit., p. 1089.

e procurar ajuda mútua, entre casa e casa também. Quando a cabeça é pequena e mesquinha, há razão para duvidar se existe vocação, porque se vive de egoísmo, a pessoa não vê, ao seu redor, mais do que a si mesma e a um pequeno círculo de pessoas. (...) Coração grande! Coração do Apóstolo, Coração de Jesus! Dilatar o coração!”³⁷.

5. Empenho e atualização

O estudo é atividade intelectual que permite a abertura da mente para as diversas realidades em que estamos mergulhados: a realidade de Deus, do homem, da Igreja, da sociedade, da cultura, da comunicação, das várias ciências etc. A respeito particularmente da realidade religiosa, padre Alberione considera que “cada um deve sempre empenhar-se a favor da instrução religiosa, para melhor conhecer Deus e melhorar o serviço de Deus. Cada um, instruindo-se, deve sempre tornar-se melhor no seu ofício, nas relações sociais, no ministério e no apostolado”³⁸.

O termo “empenho”, presente nessa exortação, é uma ideia a ser posta em evidência. Realmente, diante da pergunta: “o que significa ‘estudo?’”, o Fundador responde: “Significa empenho. Deve acompanhar-nos até à morte. Deve empenhar todos a quererem aprender coisas novas. Na vida não podemos fazer as coisas sempre da mesma forma. É preciso progredir cada dia; a cada dia aperfeiçoá-las. Depois de vinte ou mais anos, não é possível estar no ponto de partida. Nem se pode dizer: “eu não sou mais estudante”. Estamos todos empenhados em aprender”³⁹.

O empenho tem na mira conhecer a realidade em todas as suas dimensões; e onde for necessária a renovação, este tem o objetivo de procurar novos caminhos. Nessa perspectiva, podemos dizer que um dos escopos do estudo é a atualização, essa atitude vital para vencer a imobilidade. Lembremos que a palavra atualização (“aggiornamento”, em italiano), tornou-se famosa através de João XXIII e foi reassumida pelo seu sucessor, o bem-aventurado Paulo VI: “A palavra atualização será por nós sempre mantida presente como endereço programático; assim a temos confirmado como critério diretivo do Concílio Ecumênico, e o continuaremos a relembrar quase como estímulo a uma vitalidade sempre renascente da Igreja, à sua sempre vigilante capacidade de estudar os sinais dos tempos, e à sua sempre jovem agilidade para tudo provar, e tornar seu tudo o que é bom, sempre e por toda parte”⁴⁰.

Considerando a natureza do nosso apostolado, a atualização nos indica que “nós devemos fazer o bem a quem vive hoje, e devemos formar o pessoal paulino que existe hoje”⁴¹. Afinal, “é preciso preparar-se bem para o apostolado, porque devemos trabalhar na sociedade moderna, acatando-a como ela é, considerando-a em sua posição atual. É necessário que nos adaptemos às várias disposições, tanto na redação como na difusão: o mundo nos compreenderá se, ao nos comunicar com ele, usarmos os meios atuais. Portanto, não

³⁷ Tiago Alberione, *Spiegazione delle Costituzioni* (uso manuscrito), Ariccia, 1961, p. 83.

³⁸ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, op. cit., pp. 168-169.

³⁹ Tiago Alberione, *Spiegazione delle Costituzioni*, op. cit., p. 211.

⁴⁰ Papa Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, n. 52.

⁴¹ Tiago Alberione, *Spiegazione delle Costituzioni*, op. cit., p. 244.

pensar: ‘sempre fizemos assim’. Com o passar dos anos, é preciso que nos adaptemos às condições do tempo em que vivemos”⁴².

A palavra “atualização” pode ser entendida também no sentido de “progresso”⁴³, considerando que “a nossa vida não pode ser sempre plana, horizontal. A nossa vida deve ser um crescimento”⁴⁴. Portanto, devemos progredir, por meio de uma atualização contínua, em todos os aspectos: na vida espiritual, no estudo, no apostolado, na parte econômica⁴⁵. O nosso Fundador, no entanto, considera que, para atualizar-se, é necessário que realizemos “reformas”. Portanto, ele adverte: “Falar de atualização pode também trazer perigos, isto é, entender mal o que significa atualização. Os perigos são três: 1) querer reformar acima de tudo os outros e não a nós mesmos; 2) querer reformar o que é irreformável; 3) ao invés, não querer reformar o que deve ser reformado”⁴⁶. Uma vez que conseguimos “converter-nos” pela atualização, então se abrem as portas para o rejuvenescimento, tão necessário para afrontar os desafios da nossa missão.

A atualização é fundamental, especialmente onde vemos inércia no apostolado, onde durante muitos anos se fazem as mesmas coisas, chegando sempre à mesma gente, quem sabe até conscientes de que isso não irá longe. De fato, “ou nós olhamos corajosamente a realidade, para além do pequeno mundo ao nosso redor, e então vemos urgente a necessidade de alguma reveriravolta radical de mentalidade e método; ou então, no espaço de poucos anos, teremos criado um deserto em volta do Mestre da vida; e a vida justamente nos eliminará como ramos mortos, inúteis, embaraçosos”⁴⁷. É urgente despertar e perceber que o mundo, sempre mais complexo, faz o seu caminho e não espera por nós. Devemos perceber as mudanças e buscar, ajudados pelo estudo, uma visão do mundo assim como ele é, e não como nós imaginamos que seja.

6. Na escola de Jesus Mestre

É verdade que a formação intelectual e todas as iniciativas de atualização são necessárias para a missão. No entanto, o aprofundamento do estudo, no âmbito da tradição da Família Paulina, supõe que se faça presente uma importante “escola”, sem a qual perdemos o significado da dimensão da “estudiosidade”. É a escola de Jesus Mestre: “Por mais que passem os tempos e por mais que progridam os estudos, Jesus permanece sempre o Mestre único, infalível, e sua doutrina é eminente, certa, indestrutível”⁴⁸. Esta escola é fundamental e começa no encontro com Ele⁴⁹.

Tal aspecto nos faz retomar a ideia que está na base de toda a formação do Paulino: “‘Um só é o vosso Mestre, o Cristo’ (Mt 23,10). Ele é o único ao afirmar: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’ (Jo 14,6). Todo o *studium* (= esforço) se orientará para Cristo Mestre, dele receberá energia e para ele tenderá, até fazer do Paulino outro mestre, seja

⁴² Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 347.

⁴³ Cf. Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 352.

⁴⁴ Tiago Alberione, *Alle Pie Discepole del Divin Maestro*, VIII, op. cit., p. 308.

⁴⁵ Cf. Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 389.

⁴⁶ Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 352.

⁴⁷ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo*, op. cit., p. 807.

⁴⁸ Tiago Alberione, *Spiritualità paolina*, Roma, Edizioni Paoline, Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 1961, p. 267.

⁴⁹ Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 7.

como pessoa, seja como ‘corpo moral’, a Família Paulina”⁵⁰. Mas, qual é, para nós, o significado de “Mestre”? Que repercussão, em nossa vida, tem esse termo dirigido a Jesus?

Como o Evangelho de Mateus nos faz entender, Jesus não é mestre como aqueles que “tomam assento na cátedra de Moisés”, ou seja, os escribas e fariseus, que se apresentam como “mestres” e no entanto dizem e não fazem, vivem a religião da “aparência” e a serviço de si mesmos. Até o próprio Jesus adverte contra o uso errado do termo “rabi”, por parte de quem na verdade quer aproveitar-se das pessoas, especialmente das mais pobres.

Jesus é o Mestre no sentido de que Ele é o Guia⁵¹: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Jesus é a “verdade” (fidelidade ao Pai!), verdade que se torna o “caminho” (guia!) que nos conduz para a “vida”. Jesus é o Guia, não só com suas palavras, mas principalmente com seu testemunho, com suas ações concretas: “Crede em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Se não por outro motivo, crede pelas obras mesmas” (Jo 14,11). O discípulo é chamado a permanecer em Jesus e aprender, em sua “escola de vida”, a caminhar de maneira integrada.

Nessa perspectiva, espera-se que o discípulo escute a Ele. Lembremo-nos de que “na Bíblia o mesmo verbo *shamá* significa tanto “escutar” como “obedecer”. Portanto, *shemá Israel* não é apenas “escuta, Israel”, mas também “adere!”⁵². Daí por que é necessário “escutar” para “aderir” ao projeto de vida que Jesus nos propõe. Assim fizeram os primeiros discípulos, assim fez o Apóstolo Paulo, que de perseguidor se tornou seguidor do “Caminho” (cf. At 22,4), a ponto de dizer: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Aderir ao projeto de Jesus Mestre exige, antes de tudo, que se entre na lógica do amor que o moveu. Quanto a esse ponto essencial, é interessante observar, no já citado trecho de Mateus, como Jesus afirma, voltando-se para seus discípulos: “Um só é o vosso Mestre, e todos vós sois irmãos”. Jesus não diz a eles: “Vós sois alunos” (como aqueles que aprendem teoricamente uma lição), mas disse: “Sois irmãos”. Isso quer dizer que a primeira lição que devemos aprender do Mestre é a de “sermos irmãos”. Ele mesmo nos dá o exemplo: “Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar uns aos outros” (Jo 13,34).

A escola de Jesus Mestre é a escola de vida que “gera fraternidade”, e a fraternidade nasce do amor. O amor é a primeira identidade dos discípulos de Jesus. Somente entrando na lógica desse amor é que poderemos exercitar a nossa vocação paulina “docente”⁵³, a de “guia”. Não tem sentido querer ensinar os outros a viverem o Evangelho, através de belas

⁵⁰ Centro de Promoção e Formação. *Catechesi Paolina* (uso manuscrito), Sociedade de São Paulo, Roma, p. 279.

⁵¹ É importante aprofundar o significado da palavra “rabi”. A esse respeito, é oportuno retomar a explicação de Dom Gianfranco Ravasi, por ocasião do Seminário Internacional sobre Jesus, o Mestre: «Rabi é um termo ambíguo, sob alguns aspectos. De fato, literalmente significa “meu grande” (de *rav*, grande, poderoso). Portanto, é título de prestígio. É componente que pertence também a outras línguas: o latim *magister* quer dizer alguém que é “*magis*”, isto é, “mais”, superior a outro; em francês *maître*, é “patrão”, e por isso, como tal, é senhor do outro. Assim, chega-se a compreender uma frase de Mt 23,8-10: “Vós, não queirais ser chamados de rabi, porque um só é o vosso *didaskalos* (mestre), e vós sois todos irmãos. E não vos chameis de *kathegetái*”. “*Kathegetái*” é vocábulo traduzido pela Vugata como *magistri*; na realidade, o termo em grego significa: alguém que guia, alguém que indica o caminho, o percurso. Por que não deveis querer o título de *kathegetái*? Porque “um só é o vosso *kathegetês*”, o vosso guia”, (cf. Gianfranco Ravasi, *Il Maestro nella Bibbia*, in Gesù, il Maestro, op. cit., pp. 227-228).

⁵² Gianfranco Ravasi, *Il Maestro nella Bibbia*, op. cit., p. 237.

⁵³ Cf. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, II, op. cit., p. 172.

mensagens transmitidas por meio do nosso apostolado técnico, se antes não nos esforçamos para viver essas mensagens dentro de nossa casa, com o testemunho do amor e do serviço, apesar das dificuldades.

7. Conclusão

Prezados irmãos, possamos de verdade viver o estudo na perspectiva da *studiositas*, e assim orientá-lo para o bem de nossa missão!⁵⁴ Hoje, “nas atuais condições da cultura e da comunicação, a formação intelectual do Paulino é, mais do que nunca, relevante para lançar a proposta cristã em meio a um contexto onde predominam fragmentação, provisoriedade e descontinuidade”⁵⁵. Nessa cultura somos chamados a nos preparar para fazermos tudo pelo Evangelho!

No caminho de evangelização, temos como referência o Apóstolo Paulo, que soube abrir-se à cultura do seu tempo para anunciar Cristo, após a experiência do encontro com Ele no caminho de Damasco. Além das respostas que deu às situações pastorais concretas, Paulo foi um intelectual no sentido mais profundo do termo, como o podia ser um fariseu zeloso⁵⁶. Não se contentava de receber e transmitir mecanicamente o que lhe havia comunicado a Igreja anterior a ele. Procurou interpretar, reelaborar, refundar. Talvez mais do que outros, soube usar a “criatividade” do cristão para conjugar o fundamental dado evangélico com as situações culturais concretas e vitais dos vários ambientes humanos e eclesiais⁵⁷.

Agora é o nosso tempo. A sociedade, em que somos chamados a testemunhar o Evangelho, “com” e “na” comunicação, não é um “outro mundo”, e sim o ambiente onde vivemos. Estamos conscientes de que, “como seres sociais, a sociedade está em nós com sua cultura, suas leis, sua linguagem, seus costumes. O ser individual e a sociedade são portanto inseparáveis, e tal relação é complexa”⁵⁸. O certo é que, em alguns aspectos, somos determinados socialmente, porém nós mesmos, como indivíduos e comunidades, podemos transformar a sociedade com “inventividades” especificamente inspiradas em valores humanos e cristãos.

A *studiositas* é o caminho que nos permite “criar pensamento” e dar a nossa contribuição para a formação de nova mentalidade na sociedade, dar uma nova marca e endereço novo à humanidade, como pensava (e procurou fazer!), com sua audácia, o nosso Fundador⁵⁹. Para tanto, é necessária também uma formação intelectual que envolva os aspectos humanos, espirituais, apostólicos, carismáticos, profissionais etc., para enfrentarmos os desafios do nosso tempo.

Então, concretamente, que importância estamos dando à nossa formação? Será que a vivemos de maneira integrada, ou seja, considerando todas as dimensões de nossa pessoa?

⁵⁴ Para aprofundar a relação entre o estudo e o apostolado, pode-se ler *Atas do Seminário Internacional sobre a Formação Paulina. Formação paulina para a missão*, Ariccia, 12-23 de outubro de 1994.

⁵⁵ Silvio Sassi, *Abundantes Divitiae Gratiae Suae. “Reaviva o dom que recebeste”*. *A fidelidade criativa a cem anos do carisma paulino*. Carta do Superior Geral, em San Paolo - Boletim Oficial da Sociedade de São Paulo, Ano 86, n. 437, agosto de 2011, p. 23.

⁵⁶ Romano Penna, *Paolo di Tarso. Un cristianesimo possibile*, Cinisello Balsamo, Edizioni Paoline, 1992, p. 12.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 11.

⁵⁸ Edgar Morin, *Sette lezioni sul pensiero globale*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2016, p. 13.

⁵⁹ Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 1337.

Dedicamos tempo ao estudo, tanto pessoal como comunitário? Em algumas Circunscrições se organiza a *Semana de formação permanente*, iniciativa positiva na área do estudo. Onde ainda não existe essa proposta, o que será possível fazer? O *Iter formativo* de nossas Circunscrições responde às exigências do *Projeto apostólico*? A opção pedagógica (quanto ao estudo da Comunicação e da Bíblia), reiterada com tanta força nos últimos dois Capítulos gerais, chama a nossa atenção para este importante âmbito da atividade apostólica; e nós, como enfrentamos esse desafio?

Não nos esqueçamos de que a roda do estudo é a que nos ajuda a “reinventar-nos”. Não se trata de mudar o Evangelho ou o Carisma, e sim de viver o essencial do Evangelho e do Carisma, dando resposta às necessidades dos homens e das mulheres de hoje, com “fidelidade criativa”. É a eles e elas, pessoas concretas, com suas dificuldades e esperanças, que somos chamados a testemunhar Jesus Mestre, Caminho Verdade e Vida, com o nosso “estilo de vida paulino”.

Nesse caminho podemos certamente encontrar dificuldades, sobretudo quando nos defrontamos com os nossos limites. Mas, como nos relembra o Papa Francisco, “a nossa imperfeição não pode ser uma desculpa; ao contrário, a missão é estímulo constante para não repousar na mediocridade e para continuar a crescer”⁶⁰.

O Espírito do Senhor Ressuscitado nos inspire e nos ilumine no campo do estudo. Com fé e esperança, e levando a sério a “estudiosidade”, possamos lançar-nos para frente a cada dia, sem jamais parar, nem no caminho da santidade, nem no trabalho de apostolado. Avante! Lançar-se sempre para frente!⁶¹.

Fraternamente,

Roma, 16 de abril de 2017

Domingo da Páscoa da Ressurreição


Pe. Valdir José De Castro, SSP
Superior geral

⁶⁰ Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 121.

⁶¹ Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 354.